

As Conferências Populares da Glória e a difusão da ciência

The Gloria Popular Conferences and the Diffusion of Science

Karoline Carula

Doutoranda em História pela Universidade de São Paulo

Resumo

Na década de 1870 foram realizadas, no Rio de Janeiro, as Conferências Populares da Glória, que tinham como objetivo divulgar a ciência, as artes e a literatura. O público freqüentador, composto pela camada letrada da sociedade carioca, acolheu de forma positiva as Conferências, que se firmaram como mais um espaço de sociabilidade na Corte. A repercussão na imprensa foi importante tanto por dar legitimidade ao espaço e por reverberar discussões sucedidas, colaborando na disseminação e cristalização das idéias apresentadas. Discuto e analiso neste trabalho a concepção, o funcionamento, a consolidação como espaço de sociabilidade e a força política destas Conferências, que se constituíram como um espaço público privilegiado para a formação de opinião pública.

Abstract

During the 1870s were realized, at Rio de Janeiro, the Gloria Popular Conferences (Conferências Populares da Glória) that had the purpose of publicizing science, arts and literature. The public, composed by the literate stratum from the Rio de Janeiro society, welcomed the Conferences, which became a consolidated space of sociability at the Court. The repercussion in the press was important both to legitimate such space, and also to reverberate the discussions that took place, contributing for the dissemination and crystallization of the presented ideas. In this paper I discuss and analyze the conception, operation and consolidation of the Conferences as space of sociability, and its political power, as a privileged public space for the formation of public opinion.

Palavras-chave

elites, Corte imperial, imprensa, educação, ciências naturais

Keywords

elites, Imperial Court, press, education, natural sciences

1

Nesta categoria estão enquadrados políticos, literatos, profissionais liberais, magistrados, estudantes, enfim, o que se poderia chamar de uma elite intelectual brasileira.

2

Gladys Ribeiro destaca que "[...] o Brasil deveria perseguir ideais nobres de uma nação moderna e aberta ao mundo e à ciência (ideal europeu). O mundo certamente seria sinônimo, nesta época, de Europa, e a ciência seria entendida como o seguimento dos ditames do ser civilizado e portador do progresso." RIBEIRO, Gladys Sabina. "Cabras" e "pés-de-chumbo": os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930). 1987. 697f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1987. p. 226. De acordo com Nicolau Sevcenko "[...] acompanhar o progresso significa somente uma coisa: alinhar-se com os padrões e ritmo de desdobramento da economia europeia [...] A imagem do progresso – versão prática do conceito homólogo de civilização – se transforma na obsessão coletiva da nova burguesia." SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 41. Para Sidney Chalhoub, em fins do século XIX no imaginário das autoridades e dos políticos era manifesta a convicção de que haveria um "caminho da civilização", um percurso pré-estabelecido que deveria ser seguido por qualquer "povo" CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: corções e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Lília Schwarcz afirma que os "homens de ciência" viam nas instituições às quais estavam agregados um veículo para traçarem os destinos da nação; assim, a autora salienta, por exemplo, que o ideário evolutivo-positivista foi acolhido entre a elite letrada brasileira como um veículo para alcançar a modernidade, sendo esta, considerada como um fruto direto da ciência. SCHWARZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

3

Não me foi possível estabelecer a data exata.

4

CORRÊA, Manoel Francisco. Inauguração das conferências populares em Niterói. *Conferências populares*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 15-26, fev. 1876.

5

CORRÊA, Manoel Francisco. Ensino obrigatório. *Conferências populares*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 59-76, abr. 1876.

6

Gazeta de Notícias, 29/08/1875.

7

Jornal do Commercio, 24/04/1874.

Conferências e ciência

Pertencer ao mundo civilizado era o que desejava larga parcela da elite para o Brasil na segunda metade do século XIX. Era necessário alcançar o desenvolvimento das sociedades civilizadas, no caso as européias; para tal o conhecimento das ciências e, especialmente, das ciências naturais se fazia necessário. A ciência era vista, sobretudo pelas camadas letradas¹, como o veículo que levaria o país a percorrer o caminho rumo à civilização.² Portanto, difundir o conhecimento científico na sociedade era essencial. Partindo dessa premissa, foram criadas em 1873 as Conferências Populares da Glória, e que continuaram até a década de 1910.³ Este trabalho privilegia as realizadas entre os anos de 1873 e 1880.

As Conferências Populares foram idealizadas pelo conselheiro Manoel Francisco. Segundo ele, em uma conferência ocorrida na França, o conferencista destacara que esta prática despertaria nas pessoas a vontade de estudar os assuntos apresentados e de comprar livros sobre os mesmos. De acordo com o conselheiro, o orador francês argumentara ainda que nos países onde ocorriam mais conferências públicas a venda de livros era maior. Para Corrêa, se um país vendia muitos livros era porque lia muito e, portanto, a prática das conferências traria benefícios ao Brasil, visto que se leria mais e, por conseguinte, aumentar-se-ia a riqueza intelectual do país, considerada uma medida do "grau desenvolvimento do povo"⁴. Na sua perspectiva, aplicar no Brasil semelhante prática seria uma maneira de evoluir o país, levando-o à civilização.

Na preleção inaugural, o conselheiro Corrêa ressaltou que o objetivo principal das Conferências era instruir o povo nos mais diversos assuntos. Todavia, não seriam contemplados os que pudessem gerar polêmicas, por despertarem opiniões plurais, como, por exemplo, política e religião.⁵ Neste sentido, parece-me que os temas expostos eram encarados por Manoel Francisco Corrêa como assuntos que seriam bem recebidos pelo público, talvez por serem concebidos como verdades inquestionáveis, podendo, dessa maneira, serem apresentados sem uma discussão mais acalorada ou aprofundada a seu respeito.

A *Gazeta de Notícias*, em 1875 ressaltou a finalidade das conferências públicas:

Quando se iniciaram as conferências não houve outra idéia, nem podia havê-la, senão por o povo a caminho de resolver os problemas sociais, que são obstáculo à sua felicidade, instruindo-o, e ensinando-lhe como o homem, pelo trabalho, pela aplicação e pela economia pode chegar a ocupar importantes lugares na sociedade.⁶

Aqui, a instrução popular era compreendida como o meio que fomentaria a melhoria das condições de vida da população, ou seja, só com a instrução os variados problemas do país poderiam ser resolvidos.

Em 1874, o *Jornal do Commercio* publicou uma série de artigos, questionando a paternidade da instalação das conferências no Brasil. Para o articulista, as primeiras preleções existentes no país teriam sido iniciadas em Sergipe, em 1871, por Antônio Candido da Cunha Leitão, à época presidente desta província. Desse modo, as organizadas por Manoel Corrêa seriam cópias das sergipanas. As Conferências da Glória também foram criticadas por não apresentarem resultados práticos, diferentes do que teria ocorrido com as de Cunha Leitão.⁷ Com relação a essas acusações, o

conselheiro Corrêa não se manifestou em defesa própria, provavelmente porque contasse com o respaldo de uma parcela da camada letrada da Corte e do governo.

Acerca do apoio governamental, vale destacar que, no relatório ministerial de 1873, o ministro João Alfredo Corrêa de Oliveira mencionou a importância das conferências públicas na Corte como forma de propagar a instrução pública, destacando que outras províncias também estabeleciam preleções abertas a todos, seguindo o exemplo iniciado pelo conselheiro Corrêa.⁸ Isto marcava o reconhecimento das Conferências por parte de um órgão do Estado, proporcionando-lhes maior legitimidade.

A celeuma em torno da autoria intelectual das conferências públicas indica a notoriedade que a prática tinha como um modo de angariar prestígio social para seu idealizador. As discussões sobre as Conferências Populares da Glória na imprensa mostram que o espaço havia adquirido uma importância significativa, uma vez que, as pessoas que lá se apresentavam possuíam prestígio social.

Entre conferências e preleções

Em meados do século XIX, Antonio Moraes da Silveira definia conferência como sendo a "prática de várias pessoas para algum ajustamento, concerto, acordo comum. Sendo de atos públicos *conferência acadêmica*; disputa literária"⁹. Em 1873, segundo o Dr. Fr. Domingos Vieira, conferência seria a "prática, conversação entre duas ou mais pessoas, sobre algum negócio ou assunto importante. Discurso, preleção feita em público, mas não constituído parte de um curso"¹⁰. Caldas Aulete, em 1881, estabeleceu que conferência era a "conversação prática entre duas ou mais pessoas sobre assunto de interesse comum. Discurso, preleção em público ou perante um certo número de pessoas, sobre assunto literário ou científico"¹¹.

Um ponto comum entre os verbetes é que para ser considerada uma conferência, o conferencista teria que discorrer na presença de uma platéia com interesse pelo assunto. Com relação aos temas abordados, os dicionários destacavam os literários e os científicos. Desta forma, para ser caracterizada como conferência a conversação deveria possuir os seguintes elementos: um orador, uma platéia e um assunto que interessasse a ambos, em especial os literários e científicos.

Porém, merece destaque o fato de conferência também ser uma preleção realizada na presença de um público. Voltando aos dicionários, encontrei no de Silveira, de 1858, preleção definida como a "explicação de aquilo que se ensina; ou da matéria que se trata. Lição que se explica"¹². O mesmo significado foi apresentado por Vieira.¹³ Já Aulete estabeleceu como um "discurso didático; expositivo de uma matéria perante um auditório; lição; conferência"¹⁴.

Para os três dicionários, preleção era a explicação de uma lição, o que conferia um caráter pedagógico ao termo, relacionando-o com uma aula de determinada matéria. Esse aspecto está mais explícito em Aulete, que definiu a palavra prelecionar como sendo lecionar.¹⁵ Todavia, Vieira em seu verbebo sobre conferência salientou que ela era preleção que não se inseria como parte de um curso, sendo uma lição independente. Portanto, se uma conferência tivesse a característica de aula, poderia ser considerada uma preleção.

8

Relatório do Ministério dos Negócios do Império. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1874. p. 8.

9

SILVEIRA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 5. ed. v. 1. [s.l.:s.n], [18--]. Grifos do original. Consegui encontrar apenas duas edições datadas, a 2ª de 1813 e a 6ª de 1858. Isto posto, provavelmente, a 5ª edição deva ser do final da primeira metade do século XIX.

10

VIEIRA, Dr. Fr. Domingos. *Grande diccionario portugez* ou Tesouro da lingua portugueza. Porto: Typ. de Antonio Jose da Silva Teixeira, 1873.

11

AULETE, Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa*: feito sobre um novo plano inteiramente novo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.

12

SILVEIRA, Antonio de Moraes. *Op.Cit.*

13

VIEIRA, Dr. Fr. Domingos. *Op.Cit.*

14

AULETE, Caldas. *Op.Cit.*

15

Ibidem.

Na inauguração das Conferências da Glória, o conselheiro Corrêa começou seu discurso desta maneira:

Concebendo a idéia de fazer estas conferências para entreter-vos com assuntos que vos possam interessar [...] Não menos dignos de encômios os distintos cidadãos que aceitaram o meu convite, encarregando-se das próximas conferências.¹⁶

16

CORRÊA, Manoel Francisco. Ensino obrigatório. *Conferencias populares*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 59-76, abr. 1876. p. 59-60.

As Conferências tiveram seu início contemplando todos os elementos designados nos dicionários – orador, platéia e assunto que despertavam os interesses de ambos, pelo menos segundo a perspectiva de seu idealizador. Contudo, ao noticiar as Conferências da Glória, além do vocábulo "conferência", a imprensa, aqui pesquisada – *Jornal do Commercio*, *Diario do Rio de Janeiro*, *Gazeta de Noticias*, *O Globo*, *A Reforma* e *O Apostolo* – fazia uso do termo "preleção". Isto indica que a percepção que se tinha era de lições para serem expostas por um orador capaz, já reconhecido em certos círculos letrados e institucionais. Reforçando, desta maneira, o sentido pedagógico dos discursos proferidos na tribuna da Glória.

Divergindo da significação encontrada no dicionário de Vieira, muitas preleções realizadas fizeram parte de cursos. Um curso era constituído de mais de uma conferência, cada uma abordando um assunto específico do tema maior proposto. Algumas, embora não fossem designadas como cursos, possuíam o mesmo tipo de estrutura.

O modo como estavam dispostas estas conferências era semelhante a de um sistema escolar, no qual as disciplinas eram ensinadas sob a forma de cursos; ministrados por pessoas que se julgavam e também assim era, em certa medida, consideradas autoridades sobre o assunto. As Conferências não pretendiam se constituir como um espaço público alternativo ao sistema escolar. A importância pedagógica é reforçada pelo curso de pedagogia ministrado por Antonio Ferreira Vianna, em 1874, que teve os encontros sempre muito concorridos, contando, na maioria das vezes, com a presença do Imperador. Portanto, as Conferências Populares da Glória podem ser compreendidas como um projeto educativo. Assim, a partir de agora utilizarei ambos os termos – conferência e preleção – e ao me referir ao evento criado pelo conselheiro Corrêa farei uso da palavra Conferência.

O funcionamento das Conferências da Glória

Para a realização das Conferências, o governo imperial colocou à disposição do conselheiro Corrêa o salão do edifício que estava sendo construído para sediar a escola pública primária da Freguesia da Glória. Foram alocadas nesta escola até 03 de dezembro de 1874, sendo então transferidas para o salão da escola municipal da freguesia de São José, em virtude da finalização das obras do pavimento superior, onde seria instalada a escola primária para meninas. A autorização para a realização da reunião em outro prédio público foi concedida pelo ministro dos negócios do Império, João Alfredo Corrêa de Oliveira.

Em 16 de maio de 1875, após o término das reformas, as preleções retornaram para a escola da Glória, porém, não mais no mesmo salão em que ocorriam antes. Foram abertas três grandes salas no pavimento superior do edifício, sendo que na conferência de reinauguração uma delas ficou repleta só de mulheres.¹⁷ Neste local, foram reunidas as escolas de meninos e meninas, uma biblioteca popular, uma sala de conferências e um posto vacínico. Isto significa que as Conferências ganharam importância e

17

O Globo, 01/06/1875.

18

Edifício que era sede da Associação Promotora da Instrução.

19

Jornal do Commercio, 02/12/1873.

20

Segundo Habermas "Chamamos 'públicos' certos eventos quando eles, em contraposição às sociedades fechadas, são acessíveis à qualquer um – assim como falamos de locais públicos ou de casas públicas." HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p. 14. Tomando como base esta definição, o espaço das Conferências, na prática, não estava tão acessível a todos.

21

O Globo, 06/11/1875.

22

Jornal do Commercio, 18/05/1875.

23

Ibidem. 01/06/1875.

24

CARULA, Karoline. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. 2007. 179f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

reconhecimento dentro da máquina do Estado. Efetuaram-se aí as preleções até 1889, quando foram suspensas. Posteriormente retomou-se o projeto, em 1891, sob a direção de João Manuel Pereira da Silva, por ocasião das comemorações do 4º Centenário do Descobrimento da América. De 1891 até março de 1898 elas foram acomodadas na Escola Senador Correia¹⁸ e, depois de 1898, transferidas para a Escola Barão do Rio Doce.

As Conferências Populares da Glória começavam às 11 horas aos domingos e às 18 horas às quintas-feiras, possuindo o mesmo perfil de público em ambos os dias. As folhas de grande circulação e envolvidas no debate político da época noticiavam as conferências que iriam acontecer e, após a realização, reproduziam-nas; traziam artigos, nas diversas seções da publicação, que debatiam as Conferências da Glória e as idéias que nelas eram expostas.

Havia uma refiltragem do conteúdo da preleção, os jornais apresentavam um resumo das conferências, nos quais os editores narravam o que o orador havia dito, bem como a reação do público (se aplaudiu ou não) e a composição do mesmo, dando destaque, muitas vezes, a algumas figuras presentes no auditório, como, por exemplo, o imperador e sua família. Foram poucas as conferências transcritas na íntegra, neste caso, o discurso era publicado sem nenhum comentário, provavelmente fornecido pelo próprio orador.

Para assistir às Conferências era necessária a aquisição de um cartão de entrada; para aqueles que não os haviam recebido previamente, eram distribuídos no dia da conferência, antes de seu início. Um ingresso permitia o acesso a todas as pessoas de uma mesma família.¹⁹ Depois de iniciada a preleção, não era permitida a entrada de mais ninguém.

No espaço público das Conferências havia uma espécie de seleção do público, visto que a distribuição dos cartões também era antecipadamente feita pelos oradores.²⁰ *O Globo* relatou que o professor público Gustavo José Alberto distribuiu os bilhetes de entrada e o programa da sua conferência, que foi reproduzido no *Jornal do Commercio*. O artigo criticou o conferencista, pois ele fizera tanta propaganda de sua conferência e, no entanto, esta havia sido um desastre, inclusive com erros de gramática da língua portuguesa.²¹ Portanto, a entrega dos bilhetes de entrada e a propaganda das preleções não eram feitas apenas pelo próprio conselheiro Corrêa, mas também pelos conferencistas, indicando que a seleção prévia do público era feita por ambos.

Manoel Corrêa, além de propor as Conferências, as coordenava e convidava os oradores. Ele escolhia quem poderia falar, ou seja, quem teria cabedal para tanto, sendo isto um modo de fazer aparecer mais o seu trabalho. Inclusive, muitas vezes quando os conferencistas faltavam, era ele quem os substituíria, talvez a fim de não interromper o evento. Por ocasião da última conferência na escola de S. José, ele subiu à tribuna, após o orador do dia, e reclamou a falta de ajuda de outros letrados na organização das Conferências, com o propósito de torná-las mais metódicas.²² Na preleção seguinte, o conferencista, conselheiro João Manoel Pereira da Silva, também destacou a necessidade de se sistematizar as Conferências de maneira semelhante às que ocorriam na Europa.²³

Do início das Conferências, em 1873, até dezembro de 1880 contabilizei 355 conferências.²⁴ Houve uma conferência ocorrida em 1874 que não encontrei relato na imprensa; sua existência, no entanto, está registrada na preleção do dia 22 de janeiro de 1875, na qual Manoel Corrêa avaliou

25

Diário do Rio de Janeiro, 17/04/1877.

26

CARDOSO, José Antonio dos Santos. *Conferências e outros trabalhos de Manoel Francisco Corrêa*. Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1885.

27

AULETE, Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa*: feito sobre um novo plano inteiramente novo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.

28

VIEIRA, Dr. Fr. Domingos. *Grande diccionario portuguez* ou Tesouro da lingua portugueza. Porto: Typ. de Antonio Jose da Silva Teixeira, 1873.

29

Ibidem. Grifos do original.

um total de 101 conferências. Posso afirmar que esta foi proferida por algum dos conferencistas que já haviam discursado até então, já que a lista de oradores exposta pelo conselheiro nesse dia condiz com a por mim levantada. Entre 1873 e 1880 passaram pela tribuna da Glória 86 oradores; expondo os mais variados temas, evidenciando-se os culturais (literatura, teatro, história das civilizações, educação, geografia, gramática) e os relativos à ciência (matemática, biologia, medicina, botânica, ciências físicas).

Em 1877, Manoel Corrêa deixou o cargo de diretor das Conferências e, neste ano ocorreu apenas uma preleção, organizada por ele. Provavelmente o conselheiro se afastou da coordenação porque assumiu o cargo de senador pela província do Paraná.²⁵ A partir de então a direção ficou a cargo do deputado Franklin Doria; entretanto, este não deu prosseguimento às mesmas. Com o retorno do conselheiro à direção, em maio de 1878, a periodicidade voltou. Na preleção após a interrupção de 1877, ele salientou que não fora seu propósito o fim da instituição, desejava que as reuniões continuassem a ocorrer independente de uma determinada pessoa estar na coordenação. O conselheiro permaneceu na direção até dezembro de 1883, quando as Conferências passaram a cargo da Associação Promotora da Instrução²⁶, que além dele tinha como integrantes alguns conferencistas, dentre os quais, Luiz Joaquim Duque-Estrada Teixeira, Feliciano Pinheiro de Bittencourt e Tristão de Alencar Araripe.

Talvez essa mudança de direção tenha acontecido para evitar o acúmulo de trabalho nas mãos de uma única pessoa. Outra hipótese que surge é a de que, tentando evitar nova paralisação das preleções, Manoel Francisco Corrêa tivesse buscado passar a direção das Conferências a uma instituição que contasse com mais de um indivíduo empenhado em dar prosseguimento efetivo aos encontros realizados nas escolas da Glória, diferente do ocorrido nos meses de 1877. É provável que esse tenha sido o motivo que levou o conselheiro a escolher justamente para a direção das Conferências a Associação, que abrigava alguns de seus colegas de tribuna e cujo propósito também era a instrução.

Conferências Populares?

O que significava o vocábulo popular no século XIX? Segundo Aulete, popular era algo "Que é do agrado do povo; que tem o afeto, as simpatias do povo", sendo povo o "nome coletivo de todos indivíduos do mesmo país e que vivem sujeitos às mesmas leis [...] O público considerado no seu conjunto. A parte numerosa, mas a menos rica, privilegiada e ilustrada, da população de um Estado"²⁷. O mesmo dicionário ressaltou que tornar uma coisa popular era o mesmo que vulgarizá-la. Assim, as Conferências Populares seriam preleções do agrado do público, ou com o intuito de vulgarizar algo, ou destinadas ao público presente, ou ainda à parte menos rica da sociedade.

Para o *Grande diccionario portuguez*, de 1873, popular era o "Que é do povo, que diz respeito a ele, que pertence ao povo", e este significava "uma divisão das classes em que se divide a nação; é a parte mais numerosa que a nação é o todo"²⁸. A fim de exemplificar o uso do termo, este mesmo dicionário destacou que "*Tornar uma ciência* popular; [seria] espalhá-la por todos os lugares, torná-la acessível a todos os espíritos"²⁹. Com isso, sendo a ciência uma das temáticas principais expostas na tribuna da Glória, tais encontros deveriam, portanto, levar o conhecimento científico a todas as pessoas da sociedade.

Estas seriam as definições, segundo verbetes de dicionários da época, do que seria popular no século XIX. Estaria Manoel Francisco Corrêa almejando atingir todas as pessoas da sociedade? Era sua intenção levar o conhecimento científico às camadas sociais mais baixas? O que seria popular para o idealizador das Conferências da Glória?

Com relação ao público presente e ao sucesso das Conferências, Maria Rachel da Fonseca afirma: "[...] através de relatos da época, constatamos que sua platéia era constituída por um seletto público, sendo notada a presença da família imperial, da aristocracia da Corte, de profissionais liberais e estudantes"³⁰. Ressaltando, com isso, que elas não atingiam as camadas mais populares da sociedade.

Tal afirmação pode ser corroborada quando o *Diário do Rio de Janeiro*, comentando a quinta conferência, proferida por Luiz Joaquim Duque-Estrada, em 1873, intitulada "Influência da educação sobre a moralidade e o bem-estar das classes laboriosas", salientou que:

Assistiram à preleção Suas Majestades o Imperador e a Imperatriz, o presidente do conselho, membros das duas casas do parlamento e mais 200 pessoas da melhor sociedade, contando umas 50 senhoras. [...] Não tendo a quem interrogar, perguntávamos a nós mesmos são estas as conferências populares? Esta admiração tinha um justo fundamento: é que não víamos ali o povo! O problema que ia, senão resolver-se, ao menos demonstrar-se, era o bem estar das classes laboriosas. Mas onde estavam ali representadas essas classes? Não as víamos! Cremos mesmo não errar dizendo que eram as únicas que estavam dali ausentes! E como havia de ser de outro modo, se a entrada se fazia por bilhetes, distribuídos previamente entre as pessoas de elevada posição social? O exclusivo foi ainda mais longe. Apenas entraram Suas Majestades, cerrou-se a porta, como se ali se fosse tratar de um alto segredo de Estado! [...] tem forçosamente errado o título: serão científicas, literárias, administrativas, aristocráticas, o que quiser, menos conferências populares!³¹

A crítica feita pelo *Diário* sugeria que as Conferências da Glória não tinham como finalidade atingir as classes mais pobres. A citação é muito elucidativa, pois mostra não só a ausência desta camada social, mas também a apreciação desfavorável desta gazeta ao atestar tal falta.

O trecho do jornal forneceu a proporção do público presente, que contava com um número expressivo de mulheres. Isto indica que este espaço de sociabilidade também era compartilhado por esta parcela da população, diferente do ocorrido em outros locais³², e que os assuntos ali apresentados também poderiam ser de interesse da mesma. Segundo Maria Margaret Lopes, a participação feminina em tais encontros apoiava "a mentalidade cientificista então moderna que incentivava a participação das mulheres nesse tipo de reuniões científicas, mas ainda não lhes permitia ingresso nos cursos regulares das faculdades do país"³³.

Para o *Diário do Rio de Janeiro*, afora o caráter instrutivo das Conferências, as mesmas poderiam ser encaradas como um encontro social, um passeio de domingo; ou seja, algumas pessoas presentes não estavam interessadas, necessariamente, nos assuntos expostos. Compactuando com essa opinião, a *Gazeta de Notícias* censurou o público que comparecia aos encontros, insinuando que muitas dessas pessoas só iam às Conferências porque o edifício onde se sucediam ficava no caminho após a missa.³⁴ Nesta perspectiva, o comparecimento a essas reuniões seria uma maneira de se mostrar à sociedade, ver e ser visto, já que ali se tornara um importante local de sociabilidade da camada letrada do período.

30

FONSECA, Maria Rachel Fróes da. As "Conferências Populares da Glória": a divulgação do saber científico. *História, ciências, saúde* – *Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 135-166, nov. 1995/fev. 1996. p.136.

31

Diário do Rio de Janeiro, 08/12/1873. Grifos do original.

32

Tânia Ferreira assevera que: "Sociabilidades e lazes masculinos e femininos aconteciam em locais diferentes. Livrarias, sedes de jornais, bibliotecas públicas caracterizavam-se pela frequência predominantemente masculina." FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. p. 113.

33

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 146.

34

Gazeta de Notícias, 29/08/1875.

35
Gazeta de Noticias, 29/08/1875.

36
Ibidem.

37
O Apostolo, 29/03/1874.

38
Ibidem, 29/03/1874. Grifos do original.

39
Gazeta de Noticias, 04/05/1877.

A *Gazeta de Noticias* também criticou as Conferências da Glória com relação à ausência das camadas populares. Salientou que as Conferências não eram populares como se pretendia quando foram criadas. Para o jornal, no Brasil elas foram infrutíferas, diferente do ocorrido na França, onde tiveram bons resultados. Ainda, segundo a *Gazeta*, literatura, artes e ciências eram assuntos que não despertavam os interesses dos trabalhadores, por isso eles não compareciam às preleções. As Conferências Populares deveriam tratar "do aperfeiçoamento moral do povo e da sua felicidade"³⁵. A *Gazeta* evidenciou que o auditório que comparecia às Conferências não gostaria de ver entre si tal camada da sociedade – "eu calculo que horror não sentiria o auditório destas conferências se fosse sentar um homem de grossos sapatões e com as mãos enormemente calejadas pelo trabalho da véspera!"³⁶.

Ainda sobre o público presente, *O Apostolo* expôs críticas às Conferências e ao seu fundador, pois, de acordo com a publicação, as camadas mais pobres só acompanhavam as conferências das portas e janelas da escola. Para a folha, as preleções não levavam em consideração a formação do auditório, uma vez que apenas se preocupavam com as glórias do orador; com isso, até aquele momento o povo continuava no mesmo estado, nenhuma das transformações almejadas inicialmente haviam sido alcançadas.³⁷ Cabe dizer que essas censuras de *O Apostolo* eram conseqüências de três preleções feitas por José Liberato Barroso que, segundo o periódico, depreciou o casamento religioso e teceu elogios a Lutero.

Muitas das críticas feitas pelo *O Apostolo* às Conferências estavam relacionadas às manifestações contrárias aos princípios católicos expostos nas conferências. O problema central para este jornal estava no fato de as Conferências não pretenderem abordar a religião como temática, já que as mesmas tinham o papel de instruir, não poderiam negligenciar o assunto, principalmente por se tratar de um país cuja religião oficial era o catolicismo, em um momento em que a laicização do Estado e a cisão entre o Estado e a Igreja estavam em voga. Desde o início das Conferências, o conselheiro Corrêa havia reforçado que a tribuna da Glória não seria palanque de discussões religiosas, afirmativa que não foi vista com bons olhos pelo *O Apostolo*³⁸.

Os discursos pronunciados na Glória eram vistos como exposições de temas acadêmicos e não de assuntos que poderiam despertar o interesse do povo. Destacava-se que esta camada da sociedade necessitava de algo mais prático do que teórico. Já que as conferências eram encaradas como dicionários que "ensinam muito, com proporções modestas", e se aplicassem mais as teorias abordadas o resultado na sociedade seria muito maior.³⁹

Manoel Francisco Corrêa nunca respondeu às críticas sobre o não-comparecimento das classes populares. Isso me leva a acreditar que o popular por ele concebido não se compunha dessa camada social. Para o conselheiro Corrêa, o "popular" das Conferências era, de fato, publicizar o conhecimento entre a camada letrada, ou seja, divulgar as idéias tencionando que elas pudessem ser levadas aos iletrados da sociedade, já que estes não seriam capazes de compreender e absorver os assuntos apresentados nas conferências. Diferente do que era vislumbrado pela imprensa, que identificava o popular com as camadas menos abastadas.

40

Marco Morel destaca três definições para espaço público: "cena ou esfera pública, onde interagem diferentes atores, que não se confunde com o Estado; a esfera literária e cultural, que não é isolada do restante da sociedade e resulta da expressão letrada ou oral dos agentes históricos diversificados; e os espaços físicos ou locais onde se configuram estas cenas e esferas." MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840*. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 18. Sigo esta mesma concepção para considerar as Conferências da Glória como um espaço público.

41

O autor utiliza este conceito tendo como base os estudos sobre sociabilidade de Maurice Agulhon. De acordo com Morel, "O que Agulhon propunha então não era mais um tratamento intuitivo ou impressionista, mas sim o conhecimento das sociabilidades pela densidade da existência de associações constituídas e suas mutações num quadro geográfico e cronológico delimitado. Ou seja, uma história da vontade associativa com dados quantitativos e comparativos, com suas mudanças no tempo e espaço." MOREL, Marco. *Op.Cit.* p.220.

42

Ibidem, p. 221.

43

A Reforma, 26/11/1873.

44

Jornal do Commercio, 24/11/1873.

45

O Apostolo, 27/11/1873.

Conferências Populares: espaço de sociabilidade

No intuito de divulgar a ciência, as artes e a literatura, as Conferências Populares da Glória constituíram-se como um importante espaço público⁴⁰ de sociabilidade no Rio de Janeiro da década de 1870. Marco Morel segue o conceito de sociabilidades formais e informais⁴¹, ressaltando que as sociabilidades informais são aquelas "expressas nos espaços públicos da rua, ou em espaços híbridos, como o teatro"; e as formais são as que ocorrem em associações como, por exemplo, em maçonarias. O autor salienta o caráter multifuncional das associações: "As dimensões econômica, filantrópica, pedagógica, corporativa, política e cultural podem encontrar-se imbricadas numa mesma instituição"⁴². Considero a perspectiva que enfoca as sociabilidades formais possa ser de grande valia para a compreensão das Conferências Populares, uma vez que elas podem ser consideradas como um tipo de associação e, também apresentavam alguns dos traços multifuncionais, neste caso o pedagógico, o político e o cultural.

O aumento do espaço físico destinado à realização das Conferências é relevante por assinalar a sua crescente notoriedade como espaço de sociabilidade. Isto suscitou aversão em determinadas instituições que sentiram seus lugares de autoridade ameaçados como, por exemplo, a Igreja. A concessão de uma sala em um edifício público para as conferências provocou a censura de *O Apostolo*. Em 1874, a Associação Católica Fluminense solicitou ao governo o salão da escola de S. José para a execução de uma conferência; seu pedido foi negado. Já, quando da permissão dessa mesma sala para a realização das Conferências Populares, o jornal católico teceu críticas à atitude do ministro, salientando que ele não poderia dispor de um edifício público daquela maneira, mencionando que sua construção fora custeada com o dinheiro dos contribuintes.

A publicação católica depreciou as Conferências e repreendeu o conselheiro Corrêa, pois este não poderia ter recebido o direito de utilizar o local para tratar dessas "bugigangas literárias", desqualificando o evento, e as suas conferências não precisavam necessariamente ser realizadas na escola pública da Glória. Tal crítica marca a relevância de tal espaço público. As Conferências da Glória se consolidaram como um lugar de debate público. Elas adentravam na imprensa que, por sua vez, publicizava as discussões, ampliando-as e até gerando polêmica.

A primeira conferência, proferida por Manoel Francisco Corrêa, em 1873, recebeu de *A Reforma* críticas desfavoráveis com relação à linguagem adotada pelo orador. Segundo o jornal, ela não foi adequada ao auditório presente, composto de "homens de letras e notabilidades políticas" e, por isso, não precisava utilizar uma linguagem tão simplificada. *A Reforma* também censurou o conselheiro por ter colocado bilhetes de entrada, caso não o tivesse feito o público seria mais diverso e, deste modo, estariam presentes pessoas que necessitariam de uma apresentação oral menos complexa; ou seja, se as camadas populares estivessem presentes seria preciso a utilização de um linguajar de compreensão mais fácil.⁴³ Em contrapartida, discordando de uma parte da imprensa, o *Jornal do Commercio* elogiou a linguagem utilizada pelo conselheiro, destacando que ela foi "apropriada".⁴⁴ A respeito desta mesma preleção, *O Apostolo* condenou o modo como o *Jornal do Commercio* e o *Diário do Rio de Janeiro* noticiaram o evento. Para a folha católica, os outros periódicos se limitaram em comentar a retórica do conferencista, ao invés de se atermem ao conteúdo exposto.⁴⁵

Esse debate é emblemático porque mostra a recepção e a aceitação imediata das Conferências pela imprensa. Essa repercussão não foi importante apenas por dar legitimidade ao espaço das Conferências, mas também por reverberar as discussões ocorridas e de certa forma, por ajudar a disseminar e cristalizar as idéias apresentadas.

Dois dias após a primeira conferência, em publicação enviada à redação de *A Reforma*, Buarque de Macedo destacou a boa aceitação da preleção de Manoel Francisco Corrêa, e sugeriu ao conselheiro a criação de uma sociedade propagadora da instrução pública na Corte, semelhante à existente na província de Pernambuco.⁴⁶ Tal sociedade de fato seria criada por Manoel Corrêa em janeiro de 1874 – a Associação Promotora da Instrução Pública.⁴⁷ Diferente das Conferências da Glória, essa instituição esteve mais interessada na instrução das classes menos abastadas da sociedade como, por exemplo, na criação de escola para meninos e meninas desvalidos.⁴⁸ Além do conselheiro Corrêa, esse novo espaço de sociabilidade contou com a participação de outros conferencistas. Isto assinala algumas das redes de sociabilidade existentes entre esses letrados.

Muitos dos oradores eram figuras que atuavam em outros espaços letrados ao lado de Manoel Corrêa como, por exemplo, no parlamento, na Associação Promotora da Instrução Pública, na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; ou que, de alguma maneira, estavam engajados com a questão da instrução pública. Outros eram pessoas que estavam de passagem pelo Rio de Janeiro, fossem de outras províncias ou países, como foi o caso dos viajantes franceses Felix Belly e Gustave Aimard, que conferenciaram em agosto de 1874 e em novembro de 1879, respectivamente.

Dos assuntos expostos pelos oradores, muitos eram temas também discutidos em outros espaços de sociabilidade – nas faculdades de medicina e direito, nos institutos históricos e geográficos, nos museus, no parlamento, nas livrarias. Frisem-se os relacionados às ciências e à medicina como, por exemplo, a questão da higiene, que foi tratada em diversas preleções.⁴⁹ Um dos oradores a versar sobre o assunto foi o médico Antenor Augusto Ribeiro Guimarães, que em 1874 ofereceu um curso de higiene, como ficou conhecida a série de sete preleções que discutiam os meios preventivos contra a invasão de moléstias perniciosas. Em uma das conferências deste curso, ele abordou as estratégias para se livrar dos pântanos da cidade, um problema que afligia a população carioca. Após essa preleção, o *Diário do Rio de Janeiro* sugeriu ao ministro do Império que fosse às conferências do médico a fim de que observasse as soluções que eram expostas.⁵⁰ Isso remete ao modo como as Conferências da Glória eram compreendidas, ou seja, uma exposição de conhecimentos que visavam um uso prático na sociedade.

Em 1875, Antenor Augusto Ribeiro Guimarães apresentou duas conferências sobre a influência da medicina na educação, nas quais destacou que o conselheiro Corrêa já havia trazido para tratar dos meios de acabarem com a "ignorância" o político, o filósofo, o literato e o pedagogo; faltando, portanto, apenas o médico, e era para suprir essa lacuna que ele ali estava.⁵¹ Nota-se a vocação para direcionar o país ao progresso que o orador atribuiu à sua categoria, condizente com o discurso médico vigente no período, visto que o estado em que se encontrava a higiene pública servia como indicador do nível de civilização em que se encontrava o país.

46

A Reforma, 25/11/1873.

47

CARDOSO, José A. dos S. *Conferências e outros trabalhos de Manoel Francisco Corrêa*. Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1885.

48

Recupero, neste ponto, a multifuncionalidade da sociabilidade formal, exposta por Morel. Neste caso associando as dimensões pedagógica e beneficente: "A pedagogia tinha um terreno comum com a beneficência: levar as *Luzes* do saber aos que não possuísem, retomando, pela instrução, a incorporação de setores da população aos costumes, idéias e ao progresso civilizatório, bem como formação de mão-de-obra." MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840*. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 222. Grifo do autor.

49

Acerca das sociabilidades de médicos e advogados, Tânia Ferreira destaca que: "[...] compunham um grupo socioprofissional que desenvolvia laços de sociabilidade em torno de suas próprias atividades de trabalho e outras mais ligadas a interesses culturais com alguma tradição no Rio de Janeiro. Com os encontros realizados de maneira relativamente informal em livrarias, bibliotecas, cafés e jornais, integravam-se com outros apreciadores de livros e discutiam, conversavam, trocavam correspondência, desenvolvendo sempre temas compatíveis com suas preferências." FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. p. 19.

50

Diário do Rio de Janeiro, 20/01/1874.

51

Jornal do Commercio, 09/03/1875.

52

A fim de reforçar a aprovação de suas idéias de regalismo pelos membros do conselho de Estado e do Imperador, o visconde do Rio Branco, grão-mestre da Ordem Maçônica – Vale do Lavradio, ressaltava o "caráter apolítico e beneficente" da mesma. Provavelmente, dentro desse princípio a Ordem realizou suas conferências. BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999.

53

BARATA, Alexandre Mansur. *Op.Cit.*

54

O Apostolo, 23/06/1875.

55

BARATA, Alexandre Mansur. *Op.Cit.*

Antes da implantação das Conferências da Glória, já ocorriam preleções públicas em outros espaços, como as realizadas pela loja maçônica do Grande Oriente do Brasil, nas quais não eram necessários cartões de entrada.⁵² Entretanto, nos anúncios destas conferências destacavam-se que somente era permitida a entrada de pessoas "decentemente vestidas". Não encontrei nas fontes nada que indicasse como era feita a seleção daqueles indivíduos. Alguns oradores que discorriam no salão do Grande Oriente também se apresentaram na tribuna da Glória, evidenciando, mais uma vez, as redes de sociabilidade dos conferencistas; assinalo, por exemplo, Tristão de Alencar Araripe, Luiz Corrêa de Azevedo, José Liberato Barroso, Jose Antonio Fernandes Lima, João Pizzaro Gabizo e Augusto Cezar Miranda de Azevedo, Rodrigo Octavio. Isso sugere a possível ligação desses conferencistas com a maçonaria.

A maçonaria, desde a "questão religiosa", posicionou-se contrária à ligação entre a Igreja e o Estado.⁵³ Com isso, ao se anunciar que as Conferências da Glória não abordariam assuntos relacionados à religião, *O Apostolo* estabeleceu relação entre as Conferências e a maçonaria, afirmando que as preleções eram feitas por ordem dessa organização. A exclusão da religião católica como assunto de discussão das preleções, segundo este jornal, teria sido determinação do grão-mestre do Lavradio, estando, desta maneira, os temas em sintonia com os interesses maçônicos, sabendo-se que alguns conferencistas eram membros da maçonaria. Outro problema apresentado pelo *O Apostolo* era que, além da exclusão da religião como temática, algumas conferências rechaçavam o catolicismo; fato que acontecia com o consentimento do governo e o apoio da maçonaria.⁵⁴

O Apostolo atestou mais de uma vez que, embora as Conferências Populares não se propusessem a discutir assuntos religiosos, estes sempre estavam presentes. Ao noticiar a preleção do conselheiro Pereira da Silva, sobre a conquista do México, destacou que o assunto apresentado tinha relação com a religião. A despreocupação do governo acerca da não exposição de assuntos religiosos foi muito criticada pelo *O Apostolo*, desde quando se iniciaram as Conferências Populares, pois isto era encarado como mais um reflexo da presente crise entre a política e a religião, ou seja, entre o Estado e a Igreja, e assim foi inserida no problema da questão religiosa. A perda de influência da Igreja era relacionada com a interferência da maçonaria sobre o governo, considerada como a arquiteta intelectual das decisões oficiais, visto que o chefe do gabinete, o visconde do Rio Branco, era o grão-mestre da Ordem do Lavradio.

De acordo com Alexandre Barata, a recusa da maçonaria aos preceitos conservadores ultramontanos, advogados pela Igreja Católica, provocou debates radicais que foram essenciais para a produção de uma "identidade entre Maçonaria e Ilustração". Mesmo não analisando a ordem maçônica brasileira como uma organização homogênea, o autor considera que foi recorrente a presença da maçonaria nas discussões que almejaram criar uma nova consciência nacional na segunda metade do século XIX.⁵⁵

A Igreja, que já era atacada desde a "questão religiosa", viu nas Conferências da Glória mais uma afronta dos maçons contra a Instituição, relacionando imediatamente a prática destas com os interesses maçônicos. Barata argumenta que a "questão religiosa" colaborou enormemente para a atuação política dos maçons, representados no período desse debate no Brasil por duas obediências diretoras: o Grande Oriente do Brasil – Vale do Lavradio, que tinha como líder o visconde do Rio

Branco; e o Grande Oriente do Brasil – Vale dos Beneditinos, comandado por Saldanha Marinho.

A formação de uma opinião pública

Desde seu início, as Conferências Populares da Glória tiveram ampla repercussão na imprensa. Sua inauguração, seu funcionamento e os discursos ali proferidos eram noticiados nos jornais. Isto posto, vale ressaltar o papel da imprensa como constituidora de opinião pública. Como as Conferências visavam divulgar a ciência, as artes e a literatura, a aceitação ou não pelo público das idéias ali expostas dependeria muito de como elas repercutiram na imprensa.

Para trabalhar a opinião pública utilizo a concepção de Jürgen Habermas, para quem a opinião pública é apoiada pelo bom senso, que permite o público julgar de forma positiva ou negativa as pessoas, os acontecimentos e as instituições; sendo, portanto, uma força capaz de pressionar as esferas pública e privada.⁵⁶ Para Habermas, a imprensa forma opinião pública por meio de um consenso junto ao povo, a fim de que este aceite ou negue uma idéia ou uma pessoa. Neste sentido, não bastava divulgar a ciência em conferências públicas, era necessário que as idéias ali expostas fossem aceitas pela opinião pública. Desta forma, o papel da imprensa carioca foi fundamental.

Em 1876, pela primeira vez, Manoel Corrêa censurou um orador, interrompendo sua preleção. O motivo da intervenção foi a apresentação por Augusto Carvalho de assuntos que eram vetados na tribuna da Glória – política e religião. Todavia, a conferência continuou, pois, de acordo com *O Apostolo*⁵⁷, o público foi condescendente com a continuação da preleção; fato que despertou a indignação deste jornal. A repreensão da folha se devia à complacência do auditório, pois o conferencista abordava o positivismo e o materialismo de modo favorável – assuntos mal quistos pela Igreja.

É de se imaginar que em outras conferências temas que não eram permitidos já haviam sido abordados, no entanto, esse foi um fato "isolado", em nenhum outro caso encontrei a intervenção do conselheiro Corrêa. O que teria motivado essa intervenção? As idéias expostas por Augusto Carvalho talvez fossem opostas às de Manoel Corrêa; o conselheiro pode ter tido algum atrito com o preletor; alguém poderia ter aconselhado o coordenador das Conferências a fazer tal interrupção; ou teria havido algum tipo de pressão sobre Corrêa que resultou em tal prática. Talvez uma dessas suposições seja a responsável por este caso "isolado", ou quem sabe até mesmo todas elas.

Cabe sublinhar que, a fim de tentar convencer o público de sua verdade, *O Apostolo* destacou que a nota publicada fora enviada por um leitor. Mostrar que aquele era um espaço aberto ao público fazia com que a notícia exposta apresentasse uma credibilidade maior, visto que, a opinião pública pode ser considerada como justa e que acolhia uma idéia sem necessariamente comprometer-se, valendo-se dessa estratégia de escrita jornalística.

O acolhimento, por parte do público, das Conferências Populares foi tão grande que, em 1874, em um artigo enviado ao *O Globo*, um leitor sugeriu a aquisição de um taquígrafo, para que se pudesse conservar e publicar as Conferências.⁵⁸ *O Globo*, por sua vez, sugeriu a criação de uma publicação.

Posteriormente, com o sucesso das preleções, foram contratados dois taquígrafos, os mesmos que trabalhavam na Câmara dos Deputados, para efetuarem seu registro. Novamente a participação do público se

56

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

57

O Apostolo, 05/11/1876.

58

O Globo, 07/09/1874.

fez presente no jornal. A aceitação da proposta da folha mostra a repercussão que as Conferências da Glória provocavam na imprensa e também o inverso. O uso da taquigrafia significa que o saber seria retido a partir de então, registrado de forma impressa e escrita, haveria a cristalização do saber proferido nas preleções.

Com a transcrição das Conferências, em 1876, elas passaram a ser impressas em uma revista mensal, intitulada *Conferencias Populares*, que além de publicar as preleções realizadas naquele ano, editou algumas realizadas anteriormente. Ela teve dez volumes e contou com o apoio financeiro de Manoel Corrêa. Mais uma vez, nota-se que a figura do conselheiro estava vinculada com a execução do evento.⁵⁹

Nos dois primeiros volumes da revista, após o término do último artigo, havia uma seção denominada "Avisos". No primeiro foi impressa uma nota explicando que o artigo de Augusto Cezar de Miranda Azevedo, sobre águas minerais, não havia sido publicado, porque o autor não tivera tempo de revisar o texto, mas que o referido seria impresso no próximo número. Embora o texto apresentado na revista desse destaque às reações da platéia – aos "aplausos" aos "muito bem!" – elas não apresentavam as menções de desagrado, já que antes de ser publicado o artigo era passado pelo crivo do conferencista. Nestes mesmos volume e seção foi editada uma nota informando que no próximo número seriam arrolados os nomes dos assinantes do periódico. No número seguinte, na supracitada seção, outro informe justificou que a relação nominal não saiu porque eles ainda não haviam recebido a listagem, porém esta sairia no próximo mês. Infelizmente, esta lista nunca foi publicada, pois traria importantes informações a respeito do público leitor.

Antes das *Conferencias Populares* serem publicadas, em 1876, a *Gazeta de Noticias*⁶⁰ informou ao público que havia recebido o prospecto do periódico. É provável que tal anúncio tenha sido enviado a fim de angariar assinantes. Cabe ressaltar que, enquanto houve tiragem da revista, a *Gazeta* foi o jornal que mais fez propaganda. Ela expôs ao público, visando formar uma opinião pública e dar legitimidade à revista⁶¹, sua apreciação do primeiro número: "É uma leitura útil, que sobretudo nós recomendamos àqueles que por suas ocupações ou outras causas não podem freqüentar a escola da Glória"⁶².

As Conferências Populares da Glória se constituíram como um importante espaço formador de opinião pública, que reverberava em outro – a imprensa. Por possuir esse caráter, muitos temas que estavam no calor da hora eram expostos. Vale lembrar que os conferencistas tinham o papel de difundir seu conhecimento científico.⁶³ Dos oradores mapeados, a maioria tinha como formação medicina e direito. Segundo Tânia Ferreira, ter finalizado um curso superior afiançava uma "série de privilégios", por exemplo, muitos cargos políticos e burocráticos eram preenchidos por bacharéis.⁶⁴ Destaco esse ponto, por assinalar o reconhecimento público que muitos oradores possuíam na sociedade letrada do Rio de Janeiro.

Dos conferencistas que se apresentaram neste período, 30,2% eram formados em direito. No tocante ao papel dos bacharéis durante o período imperial, Eduardo Pena afirma que na construção do Estado e no seu funcionamento foi expressiva a atuação dos advogados, porém essa relação foi recíproca, uma vez que eles conseguiram utilizar os meandros governamentais para solidificar a categoria.⁶⁵ Sendo que, no decorrer do século XIX, essa camada adquiriu cada vez mais prestígio e força na sociedade.

59

Gazeta de Noticias, 20/02/1876.

60

Gazeta de Noticias, 03/01/1876.

61

Morel destacou a utilização da "opinião pública como recurso para legitimação de práticas políticas, como operação simbólica de transformar opiniões individuais em opinião geral." MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840*. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 200.

62

Gazeta de Noticias, 20/02/1876.

63

Para Morel: "Quando se fala em educação e imprensa como canais dirigidos aos "Povos" (tomados aqui como objetivos carentes de conhecimentos ou entretenimento), não é difícil verificar quem são os educadores e redatores. Os construtores dessa opinião pública são, em outras palavras, os membros da chamada República das Letras, os *esclarecidos*. Ou seja, a opinião vista como fruto da reflexão dos indivíduos *ilustrados* e tornada pública uma vez que visava propagar as *Luzes* do progresso e da civilização – e, por isso, defensora da ordem e da moderação." MOREL, Marco. *Op.Cit.* p. 208. Grifos do autor.

64

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. p. 29.

65

PENA, Eduardo Spiller. *Pajens da casa imperial: juriconsultos, escravidão e a Lei de 1871*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.

66

COELHO, Edmundo. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

67

Diário do Rio de Janeiro, 02/03/1875.

68

Para uma listagem completa dos conferencistas, suas formações acadêmicas e Cf. CARULA, Karoline. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. 2007. 179f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

69

Segundo Milton do Nascimento: "Trata-se de um processo em marcha, que consiste fundamentalmente ou na produção ou no desenvolvimento da verdade e na sua difusão, para a criação de uma nova mentalidade, de uma opinião esclarecida, até que o próprio povo apareça como detentor da verdade." NASCIMENTO, Milton Meira do. *Opinião pública e revolução: aspectos do discurso político na França revolucionária*. São Paulo: Nova Stella, Edusp, 1989. p. 64.

70

NASCIMENTO, Milton Meira do. *Op.Cit.*

71

EDLER, Flávio Coelho. *Reformas do ensino médico e profissionalização da medicina na corte do Rio de Janeiro, 1854-1884*. 1992. 297f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

72

Ibidem, p. 251.

Neste sentido, para Edmundo Coelho, a posição de destaque dos membros dessa categoria se dava mais em razão da atividade política do que do êxito na prática da advocacia.⁶⁶

Um desses bacharéis que ocupou a tribuna da Glória foi João Baptista da Silva Gomes Barata, que apresentou seis preleções entre janeiro e fevereiro de 1876, todas discorrendo sobre a situação da lavoura brasileira. Ao analisar a questão da lavoura no país, discutiu a problemática da paulatina extinção da escravidão para a produção agrícola; tema que era amplamente debatido no período, pois com a Lei de 1871 era ponto passivo que em breve a abolição chegaria e, por isso, era necessário pensar qual seria a mão-de-obra assalariada mais adequada ao país. Suas conferências atraíram a presença de fazendeiros da província do Rio de Janeiro⁶⁷, mostrando que havia uma composição do público em função do assunto. Isso reforça a suposição de que no imaginário do público as Conferências teriam utilidade e aplicabilidade práticas.

Contudo, o mais expressivo é a quantidade de médicos que se apresentaram.⁶⁸ Dentre os assuntos que eram expostos por esses oradores os principais tratavam da medicina e das ciências naturais, destacando-se aqueles relacionados às idéias darwinistas – mesmo não sendo em número expressivo, quando comparada com outras temáticas, foram as que tiveram maior repercussão seguida de polêmica na imprensa carioca. Publicizar esses conhecimentos científicos e torná-los favoráveis à opinião pública seria mais uma tarefa.

Para Milton do Nascimento, a opinião pública deveria ser formada, segundo a perspectiva iluminista, por intelectuais que obteriam sucesso, ou não, dependendo de seu poder de persuasão.⁶⁹ Portanto, temas relacionados às ciências naturais e à medicina foram amplamente discutidos na tribuna da Glória, onde os detentores do saber médico oficial tentaram, por meio de seu poder de convencimento, fazer o público aceitar os preceitos por eles expostos. A "opinião esclarecida"⁷⁰ vinha nos discursos dos oradores da tribuna da Glória, já que eles, em sua maioria, faziam parte de uma camada da sociedade especializada em alguma área do conhecimento.

Mais da metade das conferências ocorridas em 1880 (54,35%) trataram sobre ciências naturais e medicina. Das que abordaram assuntos relacionados à medicina, merecem destaque às que estavam envolvidas na discussão da reforma do ensino médico. Neste ano, por meio da preleção de professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, liderados pelo médico e professor Francisco Praxedes de Andrade Pertence, as reivindicações por uma reforma do ensino médico obtiveram a necessária repercussão para que fossem efetivadas. Em suas preleções, os professores denunciavam os problemas da falta de infra-estrutura das instituições de ensino médico e da inadequação do sistema de ensino. Foi após essas conferências que se iniciou o debate a respeito da necessidade de se realizar uma reforma, que ficou conhecida como Reforma Sabóia.⁷¹

Flávio Edler destaca que, juntamente com a moção enviada ao Imperador, ao Senado e à Câmara, levar as discussões da reforma do ensino médico para o espaço das Conferências da Glória foi a última cartada dos médicos reformistas, que já estavam desacreditados da efetivação da possível mudança educacional.⁷² Cientes da importância desse local como formador de opinião, e da repercussão das Conferências na imprensa, esses médicos o escolheram para discussão e denúncia dos problemas que envolviam o ensino médico.

73

Elder informa que os donativos angariados atingiram o valor de 16:000\$000. *Ibidem*. p. 256.

74

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840*. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 221.

75

Em 1877, apareceram outras conferências públicas na cidade do Rio de Janeiro. Em um domingo chegou-se a anunciar cinco preleções em horários próximos. A repercussão das Conferências da Glória foi além dos limites da Corte. Em junho de 1874 foram iniciadas conferências em Niterói. Na província de Minas Gerais tal instituição foi instaurada em quatro municípios: Lavras, São José de El-Rei, Bomfim e Gão Mogol. CARULA, Karoline. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. 2007. 179f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

Além dos debates em torno das mudanças educacionais da medicina, os médicos conferencistas solicitaram e conseguiram do público, em especial dos comerciantes presentes nas Conferências Populares, ajuda financeira, visto que os recursos do Ministério do Império destinados ao ensino superior não eram suficientes.⁷³ Com isso, lembro o caráter multifuncional deste espaço de sociabilidade, retomando neste ponto a afirmação de Morel a respeito das múltiplas dimensões que podem ser encontradas em uma única instituição.⁷⁴

Enfim, o espaço das Conferências Populares da Glória consagrou-se, entre 1873 e 1880, como privilegiado para importantes discussões, em especial às relacionadas à ciência. Neste lugar, conseguia-se a repercussão necessária à legitimação política de idéias que constituíam parte de um projeto de educação científica.

As Conferências da Glória tiveram grande força política no período estudado, o que pode ser percebido nos debates acompanhados pela imprensa. Sua repercussão, bem como a variada gama de assuntos apresentados demonstram sua boa aceitação entre a camada letrada da Corte, inclusive estendendo-se a outras localidades.⁷⁵ As Conferências que tinham como objetivo a instrução do povo, vista como veículo para alcançar o desenvolvimento e o progresso do país levando-o à civilização, passaram a ser palanque de reivindicações sociais e políticas, bem como local para a inserção de novas idéias.

Recebido para publicação em julho
de 2007
Aprovado em setembro de 2007